



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS

RITA DE CÁSSIA NOGUEIRA DE FREITAS

**A FESTA DO MOQUEADO:
UM RITO DE PASSAGEM E DE REAFIRMAÇÃO CULTURAL
DO POVO GUAJAJARA - TENETEHARA**

Araguaína/TO
2022

RITA DE CÁSSIA NOGUEIRA DE FREITAS

**A FESTA DO MOQUEADO:
UM RITO DE PASSAGEM E DE REAFIRMAÇÃO CULTURAL
DO POVO GUAJAJARA - TENETEHARA**

Artigo foi avaliado e apresentado à UFT/UFNT – Universidade Federal do Tocantins/Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras-Português para obtenção do título DE LICENCIADA em Letras Português e Inglês e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque

Araguaína/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- F866f Freitas, Rita de Cássia Nogueira de.
A FESTA DO MOQUEADO: UM RITO DE PASSAGEM E DE
REAFIRMAÇÃO CULTURAL DO POVO GUAJAJARA -TENETEHARA . /
Rita de Cássia Nogueira de Freitas. – Araguaína, TO, 2022.
27 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2022.
Orientador: Francisco Edviges Albuquerque
1. Educação Indígena. 2. Ritos. 3. Festa do Moqueado. 4. Povo Guajajara.
I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n° 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

RITA DE CÁSSIA NOGUEIRA DE FREITAS

A FESTA DO MOQUEADO:
UM RITO DE PASSAGEM E DE REAFIRMAÇÃO CULTURAL DO
POVO GUAJAJARA - TENETEHARA

Artigo avaliado e apresentado à UFT/UFNT – Universidade Federal do Tocantins/Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína/CIMBA, para obtenção do título de LICENCIADA em Letras Português/Inglês tendo sido APROVADO em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 08 / 02 / 2022

Banca Examinadora



Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque – UFT/UFNT (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Testa – UFT/UFNT

Profa. Me. Danielle Mastelari Levorato – UFT/UFNT

Araguaína, 2022

A educação não pode ser encerrada no terreno estrito da pedagogia, mas tem de sair às ruas, para os espaços públicos, e se abrir para o mundo. (Emir Sader, 2002)

AGRADECIMENTOS

A realidade da minha família faz parte do perfil do povo brasileiro: uma mãe solteira e seus filhos para cuidar. Tudo se torna mais difícil com o desemprego e a necessidade especial que um dos filhos dessa mesma mãe possui. O caminho? O ensino superior. Concluo aqui mais uma etapa da minha vida. Tudo isso em nome da minha mãe, Mônica, e do meu irmão, meu tão grande coração fora do corpo, Matheus.

Eu sou e sempre serei grata a Deus e a todas as energias e guias de luz que me conduzem ao melhor caminho. Obrigada por me mostrarem sempre sinais para nunca desistir;

Agradeço aos meus professores, Edviges e Danielle, por me adotarem, fazendo do LALI, a minha casa; da pesquisa, o meu futuro; das conversas, aprendizados; e do acolhimento, o amor;

Aos meus tios, Fátima e Carlos, por acreditarem em meu potencial, e assim, abrirem as portas para que o meu sonho se tornasse realidade. Sem vocês dois em minha vida, nada disso seria possível;

À tia Vera e a minha vovó Tereza, por nunca me desampararem, sempre direcionando a mim, as suas orações e palavras de aconchego.

À minha família de sangues diferentes, Suel, Geovanna, Douglas e Maria Catarina, por estar e continuar comigo dos piores aos melhores momentos da minha trajetória. Eis aqui o maior e melhor presente que o Tocantins me proporcionou;

À minha companheira de alma e corpo, Lorena, por ter fé em tudo o que eu faço. Sem você, nada seria possível. Obrigada, meu amor, por tudo e por tanto!

A todos vocês e aos que eu não citei, mas que de alguma maneira fazem parte disso, muito obrigada!

RESUMO

O presente artigo possui por objetivo mostrar de que forma o rito de passagem feminino vivenciado pela Festa do Moqueado nas aldeias Guajajara-Tenetehara colabora para a educação indígena como reafirmação cultural deste povo. Para isso, a metodologia desenvolvida nesta pesquisa é baseada na etnografia de cunho qualitativo, onde a visita à aldeia Lagoa Quieta, na Terra Indígena Arariboia, no estado do Maranhão foi de grande importância para o desenvolvimento do trabalho, uma vez que permitiu a equipe do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade Federal do Norte do Tocantins participar de forma ativa à Festa do Moqueado. O artigo fundamentou-se nas teorias de ALBUQUERQUE e ALMEIDA (2012), para entender como se dá a diversidade cultural presente no processo de educação escolar indígena nas aldeias; do antropólogo GENNEP (2011) que buscou definir e classificar o termo *rito*; LARAIA (2020) para explicar a abrangência da palavra *cultura*; e ZANNONI (1999) que destrincha os aspectos sociais, históricos e culturais do povo Guajajara-Tenetehara. A construção do trabalho é dividida em quatro tópicos, sendo o primeiro direcionado à contextualização dos Guajajara; o segundo voltado para a Festa do Moqueado; o terceiro explica a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa; e o quarto é voltado para as considerações finais. Os resultados obtidos giram em torno dos saberes indígenas presentes no ritual sob uma perspectiva identitária.

Palavras-chaves: Educação indígena; ritos; Festa do Moqueado; povo Guajajara.

ABSTRACT

The following research proposes to analyze how the female rite of passage experienced by the Festa do Moqueado in Guajajara-Tenetehara villages contributes to indigenous education as a cultural reaffirmation of these people. For this purpose, the methodology applied on this research is based on qualitative ethnography, which leads the journey to Lagoa Quieta village, in Arariboia Indigenous Land, located in the state of Maranhão, becoming a major significance for the development of this paper, since it allowed the researches of Laboratório de Línguas Indígenas situated on the Universidade Federal do Norte do Tocantins actively participate in the Festa do Moqueado. Thus, the materials used as sources of analysis were the theories of ALBUQUERQUE and ALMEIDA (2012), understanding how the cultural diversity present in the indigenous school education process occurs in the tribes; the anthropologist GENNEP (2011) who sought to define and classify the term rite; LARAIA (2020) to explain the scope of the word culture; and ZANNONI (1999) that unravels the social, historical and cultural aspects of the Guajajara-Tenetehara people. To introduce a deeper view, the present paper is arranged into four topics, the first being directed to the contextualization of the Guajajara people; the second focused on the Festa do Moqueado; the third explains the methodology used in the research development, and the fourth is dedicated to conclusions. The essay results rely upon the context revolving around indigenous knowledge performed in the ritual under an identity perspective.

Keywords: Brazilian Indigenous Education; Rites of passage; Moqueado festival; Guajajara People.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1– Chegada da palha para a construção da tocaia – Aldeia Lagoa	18
Figura 2 – Preparação da tocaia – Aldeia Lagoa	19
Figura 3 – Preparação da carne moqueada – Aldeia Lagoa Quieta, TI Arariboia - Maranhão	20
Figura 4 - Distribuição da carne de caça moqueada no jirau, para ser consumida durante a festa.....	21

LISTA DE SIGLAS

ISA	Instituto Socioambiental
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
TI	Terra Indígena
LALI	Laboratório de Línguas Indígenas
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. ASPECTOS HISTÓRICOS DO POVO GUAJAJARA - TENETEHARA: A CHEGADA À ALDEIA LAGOA QUIETA, TERRA INDÍGENA ARARIBOÍÁ, NO ESTADO DO MARANHÃO	13
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO MARANHÃO E APRESENTAÇÃO DO POVO GUAJAJARA	14
1.2. DEFINIÇÃO DE RITO.....	16
2. A FESTA DO MOQUEADO	17
3. METODOLOGIA	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste artigo partiu do primeiro contato com o povo Guajajara. Isso aconteceu em uma pesquisa de cunho etnográfico a respeito da educação escolar indígena, onde eu tive o conhecimento sobre a importância do ritual de passagem, a Festa do Moqueado, para as comunidades Guajajara.

O objetivo deste artigo é analisar a Festa do Moqueado como uma prática de reafirmação cultural do povo Guajajara – Tenetehara, levando em consideração os saberes ancestrais que constroem o rito da Menina Moça. Para isso, há três objetivos específicos a fim de alcançar bons resultados nesta pesquisa, sendo eles: a) visitar o povo Guajajara e assim, anotar as informações em um caderno de campo; b) presenciar o ritual de passagem Festa do Moqueado; c) analisar materiais bibliográficos a respeito do povo e da festa em pesquisa, entendendo assim, a definição de rito e os diversos saberes indígenas presentes neste evento.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo foi a pesquisa etnográfica de cunho qualitativo, uma vez que uma visita foi realizada a aldeia Lagoa Quieta, na Terra Indígena Arariboia, Maranhão, para a compreensão e participação da Festa do Moqueado. Além disso, houve uma extensa pesquisa bibliográfica para a melhor compreensão do ritual da Menina Moça.

O referencial teórico embasado para fundamentar este trabalho foi Francisco Edvigés Albuquerque e Severina Alves de Almeida com o livro *Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural*; Arnold Van Gennep para explicar o conceito de *rito* com a sua obra *Os Ritos de Passagem*; Roque de Barros Laraia com o seu livro *Cultura: um conceito antropológico* para construir a definição de cultura; e Claudio Zannoni com a sua obra *Conflito e coesão: o dinamismo Tenetehara*.

Este artigo é dividido nos seguintes tópicos: 1) Aspectos históricos do povo Guajajara – Tenetehara: a chegada à aldeia Lagoa Quieta, terra indígena Arariboia, no estado do Maranhão, que trata da conceituação e dos aspectos históricos sobre o tema; 1.1) Contextualização dos povos indígenas do Maranhão e apresentação do povo Guajajara, que descreve os aspectos sociais dos povos indígenas do estado do Maranhão; 1.2) Definição de rito, que mostra o conceito do termo ritual levando em consideração o processo de passagem de um estado social para outro; 2) A Festa do Moqueado que trata sobre as características ambientais, artesanais, culinárias do ritual de passagem; 3) Metodologia, que descreve a

maneira como a pesquisa foi elaborada; e 4) Considerações Finais, que conclui a pesquisa realizada no povo Guajajara.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS DO POVO GUAJAJARA - TENETEHARA: A CHEGADA À ALDEIA LAGOA QUIETA, TERRA INDÍGENA ARARIBÓIA, NO ESTADO DO MARANHÃO

Este artigo inicialmente aborda os aspectos gerais dos povos indígenas do Maranhão a fim de proporcionar ao leitor uma melhor visualização da diversidade de etnias que estão neste estado, especialmente os Guajajara Tenetehara. Desta maneira, o presente trabalho apresenta a grande riqueza cultural presente no ritual da Festa do Moqueado, marcado pela primeira menstruação da menina Guajajara.

Cumpramos observar que a visita a aldeia Lagoa Quieta, na Terra Indígena (TI) Araribóia do Povo Guajajara se deu por meio do Laboratório de Língua Indígenas (LALI) da UFNT-UFT, sob coordenação do professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque que, na ocasião em que foi convidado pela Cintia Guajajara, professora e uma das maiores representantes do saber tradicional ancestral Guajajara, para a Festa do Moqueado, oportunizou que os alunos que são vinculados ao Laboratório o acompanhassem.

A Aldeia Lagoa Quieta está localizada a aproximadamente 600km de distância da capital maranhense São Luís. De acordo com os dados fornecidos pelo site da FUNAI, a Terra Indígena Araribóia, a qual localiza-se esta aldeia, possui cerca de 11,5 mil indígenas. A visita aconteceu nos dias 6 a 8 de Setembro de 2019 e foi nesta oportunidade que presenciamos o rito de passagem da Menina Moça no povo Guajajara realizado pela Festa do Moqueado.

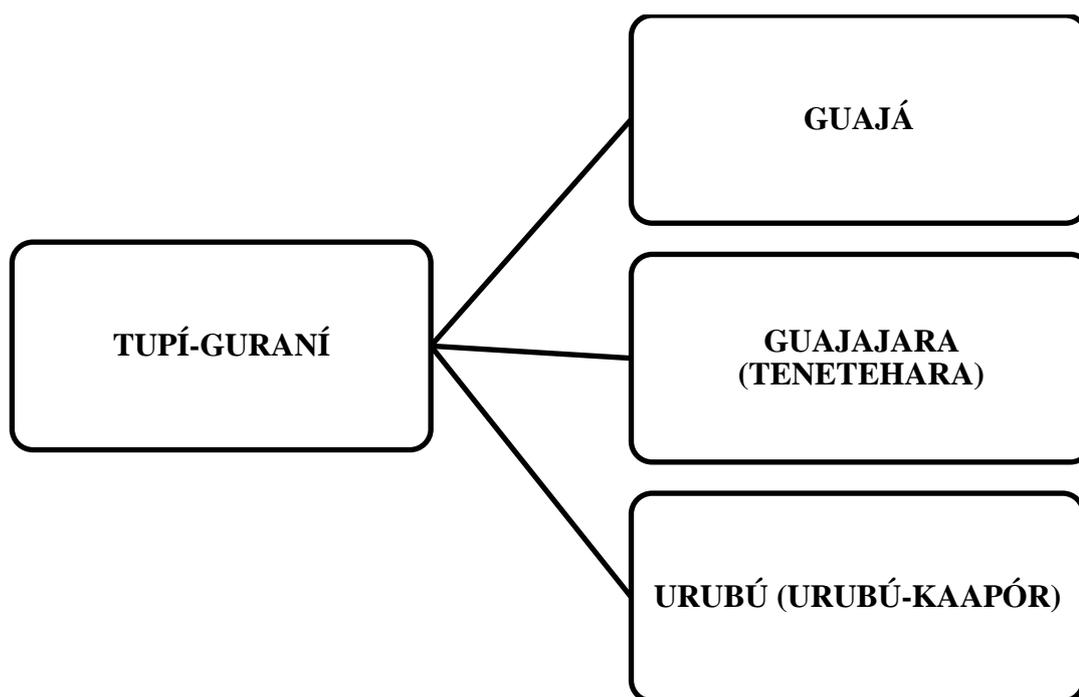
A equipe do LALI chegou a aldeia Lagoa Quieta no dia 6 de Setembro de 2019, sexta-feira, no período noturno. Fomos recebidos pela representante Cintia Guajajara, que nos ofereceu sua casa durante os dias de estadia na aldeia. Ao todo éramos 5 pessoas com vínculo à UFT, sendo 3 discentes, 1 docente e 1 motorista. Chegamos minutos antes de a comunidade iniciar o ensaio para a festa do dia 7 de Setembro de 2019, sábado.

Após nos acomodarmos na casa da Cintia Guajajara fomos direcionados para o ambiente em que o jantar estava sendo servido para toda a comunidade presente na aldeia. Além das famílias indígenas havia também pesquisadores de outras universidades do país. O ensaio para a Festa do Moqueado aconteceu com muita animação e alegria. Os indígenas da aldeia procuraram inserir os convidados nas danças e cantorias, para que assim, todos pudessem viver o ritual da Menina Moça que acontece na cultura Guajajara.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO MARANHÃO E APRESENTAÇÃO DO POVO GUAJAJARA

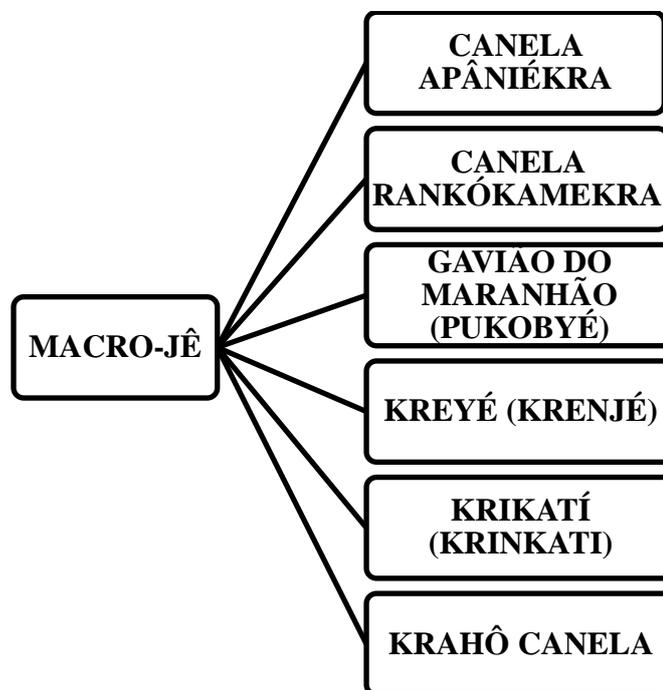
Os indígenas do estado do Maranhão são divididos em nove povos, sendo eles Guajá, Guajajara Tenetehra, Urubú-Kaapor, Apanyekrá, Rankokamekrá, Kreyé, Krikati, Pukobyê e Krahô Kanela. Segundo o último censo do IBGE realizado no ano de 2010, a população maranhense autodeclarada indígena gira em torno de 35.272 indivíduos. De acordo com os estudos de Rodrigues (1986), os povos indígenas do Maranhão estão repartidos em dois troncos linguísticos: Tupí-Guaraní e Macro-Jê.

TRONCO LINGUISTICO TUPÍ-GUARANÍ – MARANHÃO



Fonte: RODRIGUES (1986), adaptado pela autora.

TRONCO LÍNGUÍSTICO MACRO-JÊ – MARANHÃO



Fonte: RODRIGUES (1986), adaptado pela autora.

Os Guajajara – Tenetehara (*ten* - ser, *ete* – verdadeiro, *hara* – nós “os donos do cocar”) segundo o Instituto Socioambiental (ISA), estão entre os povos mais numerosos do Brasil. Conforme as pesquisas do IBGE (2010), sua população estima-se em 24.428 indígenas e, conforme Claudio Zannoni (1999), os Tenetehara

(...) estão distribuídos em 9 áreas indígenas: Pindaré e Caru, no município de Bom Jardim; Araribóia, no município de Amarante; Bacurizinho e Morro Branco, Lagoa Comprida e Urucu/Juruá, no município de Grajaú; Canabrava/Guajajara e Rodeador, no município de Barra do Corda. (p. 21)

A língua do povo Tenetehara, como dito anteriormente, é do tronco-linguístico Tupi-Guarani, sendo chamada por eles como *ze'egete*, ou seja, “a fala boa”. Entretanto, segundo Carl e Carole Harrison (2013), há cinco variantes linguísticas nas aldeias dos Guajajara¹, as quais estão relacionadas com as regiões em que os falantes se localizam, sendo

Área dos Rios Corda e Mearim;(nas proximidades da cidade de Barra do Corda, Maranhão); Área do Rio Grajaú (nas proximidades da cidade de Grajaú, Maranhão); Área do Rio Pindaré (nas proximidades da cidade de São Luís, Maranhão); Área do Rio Zutí ua (também denominada Área Indígena Araribóia, a qual, por questões jurisdicionais, inclui algumas aldeias afastadas. Essa área Indígena abarca várias

¹ As variantes linguísticas acontecem conforme as localizações das aldeias. Há TI que ficam mais próximas do estado do Pará, por exemplo e assim sendo, ocorre uma variação na língua.

idades, tais como: Arame, Amarante, Bom Jesus da Selva, Buriticupu e Santa Luzia; Área do Grupo Tembé (Tenetehar) (principalmente nas proximidades do Rio Guamá e da cidade de Boa Vista do Gurupi, Maranhão). (p.2)

Os Guajajara, segundo ZANONNI (1999), organizam-se no que ele denominou como “família extensa” ou “família Matrilocal” que baseia-se na união dos grupos familiares mais simples em “laços de parentesco” (p. 97) por meio de casamentos arranjados para as filhas do chefe da família. Após o matrimônio, o marido passa a morar na casa da esposa e sogros (pais da mulher), e assim, soma ao grupo de trabalhadores parentais.

Um fator determinante para a constituição de uma família extensa é, como se vê, possuir um certo número de filhas moças que tenham participado dos rituais de puberdade; porque esses permitem a realização de uma união conjugal, o aumento da família e, portanto, de braços para o sustento econômico. (ZANONNI, 1999, p. 96).

Os rituais de passagem, nesse sentido, são de muita importância para as filhas do chefe e para toda a família, pois tais cerimônias permitem que as meninas sejam apresentadas como mulheres para a aldeia, assim possibilitando o casamento e união entre os grupos familiares.

O período da puberdade “representa um marcante e complexo processo no desenvolvimento da subjetividade humana, por representar uma experiência de ruptura e transformações psíquicas (...)” (TRAVASSOS; CECCARELLI, 2016, p. 99). As cerimônias de iniciação são bastante comuns nesse ciclo, ao qual se trata da transição da infância para a fase adulta, variando conforme a cultura a qual o indivíduo está situado. Tais eventos recebem o nome de “ritos de iniciação”.

1.2. DEFINIÇÃO DE RITO

Para Arnold Van Gennep (2013), os ritos possuem até 16 possíveis classificações, combinadas entre: animistas ou dinamistas; simpáticos ou de contágio; positivos ou negativos; diretos ou indiretos.

É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial à outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, o nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. (...) Aliás, o indivíduo modificou-se, porque tem atrás de si várias etapas, e atravessou diversas fronteiras. Daí a semelhança geral das cerimônias do nascimento, da infância, da puberdade social, noivado, casamento, gravidez, paternidade, iniciação nas sociedades religiosas e funerais. (GENNEP, 2013, p. 24).

Os rituais de passagem variam de povo para povo. Para a compreensão disso é preciso levar em consideração a definição do termo “cultura”. Segundo o pesquisador Roque de

Barros Laraia (2020), entre o século XVIII e IX, “o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilisation* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo” (p. 25). Edward Taylor (1871, p. 1), diz que cultura é “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” (apud LARAIA, 2020, p. 25).

De acordo com tais definições, a cerimônia de iniciação pode variar conforme os costumes socioculturais e religiosos ao qual o povo está inserido. No caso da circuncisão, rito de passagem masculino realizado por povos da Turquia e comum na cultura judaica, GENNEP (2013) diz que “equivale exatamente a arrancar um dente (Austrália, etc), a cortar a última falange do dedo mínimo (África do Sul), a cortar o lobo da orelha ou a perfurar o lobo, o septo ou a praticar tatuagens e escarificações, ou a cortar os cabelos de certa maneira” (p. 76).

2. A FESTA DO MOQUEADO

A Festa do Moqueado, presente no ritual da Menina Moça, é caracterizada pela organização do rito de iniciação e apresentação após a primeira menstruação das adolescentes da aldeia, que acontece, segundo Zannoni (1999), “entre dez e doze anos e dura somente um dia” (p. 64). O processo é dividido entre o período de caça, a defumação da carne no moqué² e, por fim, a distribuição da mesma. Simultaneamente, ocorre a organização das famílias das meninas que participarão de um ritual de iniciação, para que essas, ao fim da festividade, estejam aptas para desenvolver os trabalhos das mulheres Guajajara, logo após serem apresentadas à comunidade na Festa do Moqueado, sendo essa, a fase do rito de apresentação (ZANNONI, 1999).

Por ser um ritual que requer grande preparação, a Festa do Moqueado é elaborada com antecedência. Em tempos antigos, era de responsabilidade do chefe de cada família organizar o evento de maneira individual.

Atualmente, é realizado com a participação das moças que menstruaram em um mesmo ano, principalmente por dois motivos: o primeiro é a escassez da caça nos territórios Tenetehara, o outro, o fato de que a festa demanda despesas para comprar chumbo e pólvora para caçar o suficiente para todos os participantes. (ZANNONI, p.69)

² Grelha de pau utilizada para a defumação de carnes e/ou peixes.

No período da iniciação, após a família da moça ter o conhecimento sobre a primeira menstruação da mesma, imediatamente o pai e o avô da jovem constroem o que os Guajajara conhecem como *tocaia*, “uma pequena casinha (...), cujas paredes e porta de entrada são feitas com palha de anajá” (ZANNONI,1999, p. 64).

**Figura 1– Chegada da palha para a construção da tocaia – Aldeia Lagoa
Quieta, TI Arariboia, - Maranhão**



Fonte: fotografia realizada pela autora.

**Figura 2 – Preparação da tocaia – Aldeia Lagoa
Quieta, TI Arariboia, - Maranhão**



Fonte: fotografia realizada pela autora.

A partir de então dá-se início as restrições alimentares onde “peixes e mamíferos são bem-vindos, sendo que pássaros estão fora do cardápio. Este regime só é quebrado no último dia do ritual” (MIRANDA, 2015, p.63).

Uma semana antes de acontecer a cerimônia de apresentação das jovens, os homens da comunidade saem todos os dias ainda pelo amanhecer a fim de realizar a caçada para o preparo do moqueado da carne, e retornam ao anoitecer. De acordo com Miranda (2015), as mulheres organizam as comidas, para que assim possa ocorrer o compartilhamento de alimentos com os convidados.

Segundo Elson Gomes da Silva (2018), durante esse período, “são realizados ensaios, em que os jovens que participam simulam uma eventual *Festa*, praticando os cantos que desenvolveram na mesma” (p.87). Neste momento, todos são direcionados para a parte central da aldeia, onde acontecerá o evento.

A Festa do Moqueado, tem início em uma sexta-feira com o ensaio que acontece ao anoitecer e vai até a manhã, com a participação de vários Tenetehara da Terra Indígena Pindaré. O ensaio inicia com os sons dos maracás e com os cantos indígenas. Logo se forma, em frente aos cantores, um grande círculo de crianças, adolescentes e adultos para dançar e cantar. Em alguns momentos, os (as) jovens se direcionavam para frente dos cantores formando uma fila meridiana e cantando, depois retornam para o meio da casa de cultura e continuam a dança. (SILVA, p. 87)

Após o processo de defumação realizado no moqué, a carne é colocada em panelas grandes com água e o mínimo de sal para o processo de cozimento. De acordo com Zannoni (1999), esta etapa inicia-se por volta das 16 horas do dia anterior a festa e se estende pela madrugada. Além disso, é importante “reservar para cada moça uma panela dessa carne para ser cozida” (ZANNONI, 1999, p. 72).

Figura 3 – Preparação da carne moqueada – Aldeia Lagoa Quieta, TI Arariboia - Maranhão



Fonte: fotografia realizada pela autora.

Logo nas primeiras horas da manhã do dia da festa é iniciada a divisão do moqueado entre as moças, e, em seguida, para as famílias residentes da aldeia “tendo em consideração as pessoas que ali moram e/ ou os hóspedes que vieram de fora para participar da festa e estão hospedados com aquela família (ZANNONI, 1999, p. 72). De acordo com Miranda (2015), o alimento é

misturado com farinha de mandioca num vigoroso processo de pilagem executado pelas mulheres adultas. Após esse processo são confeccionados pequenos bolinhos de moqueado com as mãos sendo imediatamente distribuídos pelas meninas para

todos os presentes, a começar pelos mais velhos, caracterizando o respeito aos mais velhos, que servem sempre como referência aos mais jovens. (p.66)

Figura 4 - Distribuição da carne de caça moqueada no jirau, para ser consumida durante a festa.



Fonte: Aldeia Lagoa Quieta, TI Arariboia, Maranhão
Ana Caroline Amorim Oliveira (2016, p.875)

Ao fim da tarde do dia da festa, por volta das 16 horas, as moças são arrumadas por suas avós e mães com enfeites de cores vermelhas e amarelas elaborados para a ocasião da festa. Os *azai ka'i ka'i* são adereços usados no dia do evento “que, presos aos cabelos, descem como tiras feitas de plumas pequenas de arara, umas nas costas de cerca de cinquenta centímetros e umas na testa até cobrirem os olhos da moça” (ZANNONI, 1999, p. 73).

Por volta das 17 horas, os cantores, próximos a casa onde as moças se encontram, começam os cânticos como forma de avisar a comunidade e famílias das meninas que o ritual irá começar. Perante os estudos de Miranda (2015), “os homens mais velhos sempre iniciam as músicas e as mulheres aparecem como segunda voz” (p. 65).

As mães levam suas filhas até os cantores e assim, as colocam entre os seus braços. Feito isso, a dança é iniciada. As avós das meninas dançam com um facão em frente suas netas e cantores a fim de espantar os maus espíritos de seus caminhos durante o ritual. Segundo Zannoni (1999), “essas mulheres não podem ter menos de cinquenta anos” (p. 73). Todas as pessoas presentes na festa podem dançar junto aos cantores e moças. As meninas não podem olhar para

frente, lados ou para trás. Assim sendo, elas participam do ritual olhando para o chão, sem demonstrar qualquer tipo de emoção (ZANNONI, 1999).

Figura 5 - Meninas arrumadas para o início da dança da Festa do Moqueado.



Fonte: fotografia realizada pela autora.

Às 22 horas, aproximadamente, as moças se retiram do local e “se recolhem dentro do quarto” (ZANNONI, 1999, p.74). Enquanto isso, os cantores e o restante da comunidade continuam os cânticos e danças por toda a noite e madrugada, se estendendo pelo amanhecer do último dia.

As moças retornam ao local da festa pelas primeiras horas do dia seguinte. Com enfeites diferentes, elas “vestem saia branca; têm o busto e as costas emplumados com penugem branca de gavião real” (ZANNONI, 1999, p.74). Em seguida, a dança final é realizada e assim, as meninas que se submeteram a todo o processo do ritual de passagem se encontram preparadas para desenvolver os trabalhos das mulheres de seu povo. Além disso, elas poderão se casar e engravidar, mantendo assim, a tradição do povo Guajajara-Tenetejara.

Figura 6 - Encerramento da festa, com distribuição dos bolinhos de carne de caça moqueada.



Fonte: Aldeia Lagoa Quieta, TI Arariboia, Maranhão
Ana Caroline Amorim Oliveira (2016, p.882)

3. METODOLOGIA

Este trabalho é de cunho qualitativo e bibliográfico, uma vez que prioriza compartilhar as experiências e conhecimentos adquiridos enquanto pesquisadora em relação a visita ocorrida entre os dias 06 a 08 de setembro de 2019, à aldeia Lago Quieta, no território indígena Araribóia, no estado do Maranhão. Além de promover uma extensa linha teórica.

Observa-se que o método qualitativo busca por informações consistentes e válidas e não pode deter-se aos dados estruturados, puramente quantitativos, tal qual os imaginamos - na forma de clássicas planilhas, relatórios volumosos, números, percentuais e gráficos - cada vez mais precisamos ir aos dados de natureza qualitativa, como textos, discursos, entrevistas, trecho de livros, reportagens, etc. Dados que envolvem elementos que muitas vezes desafiam a astúcia do pesquisador ou do homem de negócios, pois escondem em suas entrelinhas posicionamentos, opiniões, perfis, que exigem uma leitura atenta e ferramentas (tal qual a lupa de um detetive) que possibilitem chegar com maior rapidez (condição de sobrevivência) às informações realmente pertinentes (POZZEBOM e FREITAS, 1996; LESCA, FREITAS e CUNHA, 1996).

Desta forma, este artigo estabelece a etnografia como método uma vez que costuma ser utilizado pela antropologia na descrição de grupos étnicos e culturais. A etnografia vem sendo muito utilizada por diferentes ciências como a sociologia, a educação e a psicologia, assim como cresceu sua utilização em diferentes áreas de pesquisa.

Foi por meio da etnografia que, como pesquisadora, conheci o mundo do povo Guajajara.

A etnografia caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, para fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo.

O pesquisador permanece em campo envolvido, durante um período durável, na vida cotidiana dos membros de uma comunidade ou grupo homogêneo, geograficamente determinados, partilhando de suas práticas, hábitos, rituais e concepções, sem pré-julgamento ou preconceitos pessoais para compreender a cultura dos grupos. Esse contato próximo habilita o pesquisador para alcançar um conhecimento íntimo e amplo do grupo, aprendendo não só o que ocorre no local, mas também como é visto, construído e usado pelos membros do grupo nas atividades habituais do dia a dia (CHIZZOTTI, 2013, p. 71/2).

O método etnográfico permitiu-me acompanhar de perto a Festa do Moqueado. Foi possível a interação com a comunidade a todo o tempo sem, contudo, interferir no planejamento dos acontecimentos e da festividade.

Também foi utilizado um diário de campo, onde tudo foi anotado rigorosamente na medida em que acontecia. Este instrumento foi muito importante para o resgate das memórias dos fatos e atividades que aconteceram durante o período que estivemos em campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender de que maneira a Festa do Moqueado é caracterizada como uma prática de reafirmação cultural do povo Guajajara – Tenetehara, levando em consideração os saberes ancestrais que constroem esse rito de passagem. Isso ocorreu pela metodologia etnográfica que permitiu com que parte da pesquisa fosse realizada dentro da aldeia Lagoa Quieta.

Os saberes ancestrais presentes na Festa do Moqueado são repassados para os mais novos através dos mais velhos. Para compreender isso, definiu-se dois objetivos específicos. O

primeiro baseou-se em realizar uma pré-pesquisa bibliográfica sobre educação indígena, que é caracterizada pelo processo de reafirmação cultural de um determinado povo por meio dos ensinamentos culturais. O segundo objetivo foi construído por meio da visita ao povo Guajajara para presenciar a Festa do Moqueado na aldeia Lagoa Quieta, TI Arariboia, e assim, estabelecer a relação existente entre teoria e prática.

O ritual da Menina Moça é marcado pela primeira menstruação da menina Guajajara. A partir daí é iniciado uma série de restrições alimentares e físicas a fim de preparar a moça para os trabalhos de uma mulher Guajajara. Isso inclui os saberes ambientais, culinários, artísticos, dentre outros. É importante que as meninas compreendam o seu papel diante da cultura de seu povo e assim, possa repassá-lo para as próximas gerações que virão com os anos.

A oportunidade ofertada pelo professor Dr. Francisco Edviges para o primeiro contato com a festividade no povo Tenetehara foi de muito aprendizado para a equipe do LALI, já que nos colocou em total contato com essa riqueza de saberes ancestrais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. ALMEIDA, Severina Alves de (Orgs). **Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural**. Goiânia:Ed. América, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2013. 65-75p.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Mulheres Guajajara realizam Festa da Menina Moça no Maranhão**. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2019/mulheres-guajajara-realizam-festa-da-menina-moca-no-maranhao>> Acesso em: 15 de Janeiro de 2022.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

HARRISON, Carl; HARRISON, Carole. 2013. **Dicionário Guajajara-Português**. Anápolis, GO. Associação Internacional de Linguística SIL, 2013. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/14/15/80/141580492686378971823968698096869774884/Dicionario_Guajajara_Portugues.pdf> Acesso em: 24 de Setembro de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Os indígenas no Censo Demográfico de 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf> Acesso em: 22 de Setembro de 2021.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Ed. 30ª reimpressão. Rio de Janeiro. 2020.

MIRANDA, Júlia Cleide Teixeira de. **O Ritual da Festa do Moquedo: educação, cultura e identidade na sociedade indígena Tembé-Tenetehara**. Dissertação (Mestrado em Saberes Culturais e Educação na Amazônia) – Universidade do Estado do Pará. Belém-PA, 2015.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. Wyrâu'haw: a Festa da Menina-Moça do povo indígena Tenetehara/Guajajara. **Amazônica - Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 11, n. 2, dez. 2019. ISSN 2176-0675. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/6591>>. Acesso em: 06 jan. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v11i2.6591>.

POVO Guajajara resiste em sua terra mesmo sofrendo com a violência de madeireiros e incêndios criminosos. **Mapa de conflitos: injustiça ambiental e saúde no Brasil**. Disponível em: <<http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ma-povo-guajajara-e-a-violencia-de-madeireiros-no-maranhao/#sintese>> Acesso em: 24 de Setembro de 2021.

POZZEBON, M. e FREITAS, H. **Construindo um E.I.S. (Enterprise Information System) da (e para a) empresa**. São Paulo: RAUSP, v.31, 1996.

RAPOSO, George. O mapa dos índios no Brasil. **O Imparcial**. 20 de Abril de 2019. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2019/04/o-mapa-dos-indios-no-maranhao/3/#the-post>> Acesso: 24 de Setembro de 2021.

SILVA, Elson Gomes da. **Os Tenetehara e seus rituais: um estudo etnográfico na Terra Indígena Pindaré**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual da UEMA, Departamento de Cartografia Social, São Luiz, 2018.

TRAVASSOS, Maria do Rosário de Castro e CECCARELLI, Paulo Roberto. **Ritos de passagem: o lugar da adolescência nas sociedades indígenas Tembé Tenetehara e Kaxuyana**. Reverso [online]. 2016, vol.38, n.71, pp. 99-106. ISSN 0102-7395. IBGE 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v38n71/v38n71a11.pdf>> Acesso: 24 de Setembro de 2021

ZANNONI, Claudio. **Conflito e coesão: o dinamismo Tenetehara**. Brasília: Conselho Indigenista Missionário, 1999.